

GÊNERO E O “FAZER CIÊNCIA”: UM ENFOQUE SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA BRASILEIRA A PARTIR DOS ESTRATOS DE MELHOR QUALIFICAÇÃO

Vagner André Morais Pinto
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Tamires Regina Aguiar de Oliveira César
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Joseli Maria Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade compreender as relações de gênero enquanto elemento constituinte da produção científica, com enfoque no campo da ciência geográfica brasileira. O âmbito científico é abordado a partir da consideração das implicações do gênero na existência de interferências na posicionalidade dos sujeitos em termos de poder e prestígio, ao qual interfere nas redes de validação do conhecimento acadêmico. Procedeu-se metodologicamente a partir do compêndio de informações de artigos em periódicos científicos de Geografia disponíveis *online* e classificados pelo Sistema Qualis – CAPES, que promove um processo avaliativo que hierarquiza os periódicos científicos em estratos qualificatórios. A presente pesquisa enfoca os estratos melhores qualificados (A1, A2 e B1), computando 90 periódicos com base no triênio 2013 – 2015 de avaliação e evidencia que, tal como nos estratos menos qualificados, os homens predominam na produção da ciência geográfica em relação às mulheres.

Palavras-chave: Geografia; Gênero; produção científica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se dividido em duas seções complementares e relacionais. A primeira discute a produção do conhecimento científico a partir da consideração da existência de relações generificadas entre os sujeitos realizadores deste tipo de saber. Na sequência, o enfoque é direcionado para a ciência geográfica nacional e as implicações do componente gênero no contexto de avaliação e validação das publicações em periódicos de melhor qualificação.

Realização:



Apoio:

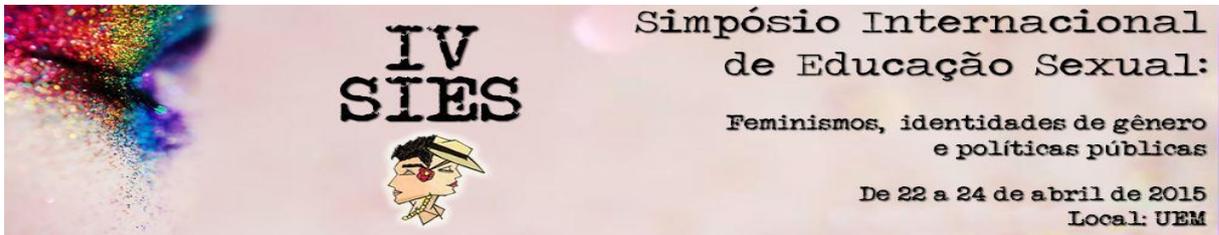


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





GÊNERO E CIÊNCIA: UMA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA

Como explana Aquino (2006), no princípio da Revolução Científica, no século XVII, as mulheres tinham considerável participação, por exemplo, em áreas ligadas à Astronomia e possuíam saberes diversos sobre farmacologia natural, cuidado de enfermos e temas relativos à gestação humana. Entretanto, no século seguinte com o desenvolvimento do capitalismo promoveu-se a separação entre os espaços privado e público refletindo na organização da produção científica e tecnológica e na profissionalização dos cientistas em sistemas formais de ensino (SCHIENBINGER, 2001). Deste modo, as mulheres tiveram seu acesso obstruído às escolas e universidades, tendo que assumir o cuidado da casa e dos filhos, conforme afirma Tosi (1998): “A ciência se estruturou, então, em bases quase exclusivamente masculinas, com um enorme desperdício de potencial humano e a produção de conhecimentos profundamente marcada por um viés androcêntrico” (AQUINO, 2006, p. 12).

Tal modo de se fazer ciência era legitimado por uma série de estereótipos de longa data que associavam características de racionalidade, competitividade, independência e objetividade aos homens e de irracionalidade, passividade, dependência, ternura, emotividade e subjetividade às mulheres. As implicações destas concepções fizeram com que características femininas não fossem valorizadas para o desenvolvimento de uma carreira científica, visto que as qualidades desejáveis para se fazer ciência seriam masculinas. Dados campos científicos ainda buscam identificar essas supostas diferenças nas habilidades cognitivas entre os pares humanos por meio de estudos de condicionamento genético e hormonal e de estruturas cerebrais. A justificação das desigualdades entre homens e mulheres estaria associada a presença de padrões típicos e rígidos em cada sexo (GONZÁLEZ GARCIA; PÉREZ SEDEÑO, 2002).

Como discute Carvalho (2010) embasada por Fourez (1995) mesmo neste passado recente, com a ciência justificando a inferioridade das mulheres e a dominação masculina a partir da constatação de fragilidade e incapacidade de pensamento abstrato e liderança pública destas, as práticas científicas não têm

Realização:



Apoio:



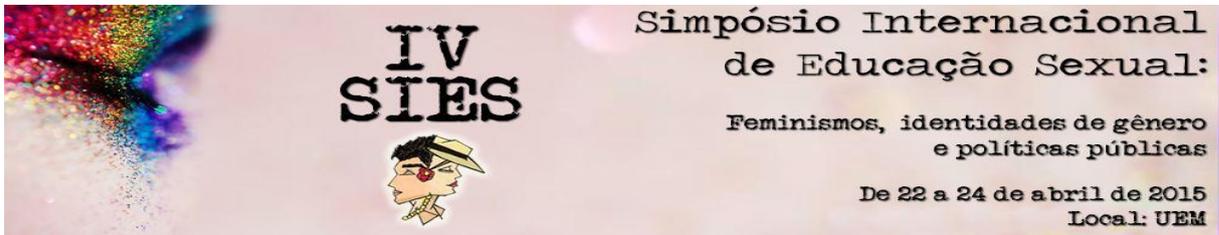
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



apresentado eficácia para a resolução de questões éticas e sociopolíticas da humanidade. E por estar diretamente relacionada com o fomento de questões bélicas, da intensa degradação ambiental e aumento das disparidades entre países centrais e periféricos, tem sofrido sucessivas críticas de diversos segmentos engajados política e epistemologicamente em sentido contrário, como no caso da crítica feminista e demais movimentos pós-modernos.

A perspectiva pautada na fixidez metodológica e a concepção estática e mecanicista da realidade engendraram a crise da ciência moderna, tomando o princípio de que conhecimento é sempre convencionalizado, fruto de acordos e ligado à um paradigma dominante que pode entrar em declínio a qualquer momento, sobretudo em contextos de transformações sociais mais acentuadas (SANTOS, 1999 apud PEREIRA, 2002).

Neste contexto, conforme explana Mignolo (2004) :

As significativas contribuições surgidas da perspectiva da 'epistemologia feminista' acentuaram três dimensões complementares da ciência: a) a ciência moderna foi/é uma construção epistêmica a partir de uma perspectiva masculina; b) a 'epistemologia masculina' tornou invisíveis outros tipos de conhecimento e outras perspectivas de compreensão que estão a emergir sob o rótulo de 'epistemologia feminista'; e c) a epistemologia feminista contribui para desalojar o mito de que a ciência estaria purificada e vacinada contra a infecção da diferença sexual e da sexualidade. Apesar de crucial, a contribuição do ponto de vista da 'epistemologia feminista' foi ainda uma crítica 'interna' da ciência que permitiu formular perguntas semelhantes do ponto de vista da raça e da geopolítica do conhecimento. Isto é, permaneceu dentro das fronteiras temporais e espaciais autodefinidas pelo discurso da modernidade" (MIGNOLO, 2004, p. 686-7).

Ao refletir sobre os aspectos positivos e negativos da ciência, Morin (2005) aponta que apesar dos inúmeros benefícios para a sociedade, decorrentes dos avanços tecnológicos e elucidativos atrelados ao desenvolvimento do conhecimento científico, se faz necessária uma atividade de autorreflexão sobre o modo como as práticas científicas são realizadas e questionando-se sobre suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sócio-cultural, uma vez que a produção do conhecimento não se daria de modo neutro.

Realização:



Apoio:



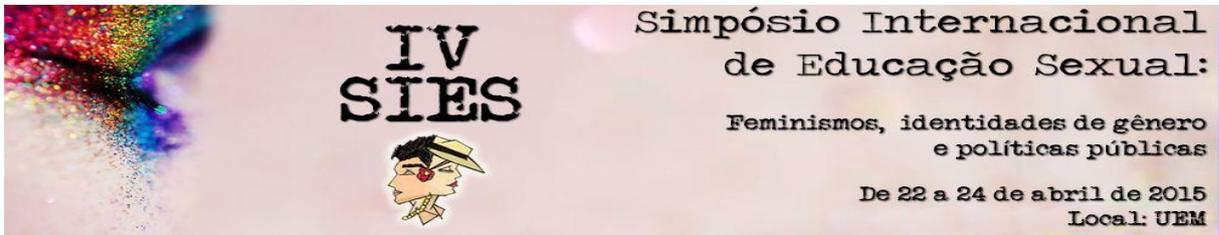
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Uma pergunta que é comumente realizada nos estudos feministas pós-modernos da ciência, feita por Code (1991): é o sexo do sujeito cognoscente epistemologicamente significativo? O termo epistemologia feminista é deveras amplo aplicando-se um conjunto heterogêneo de trabalhos que abarcam uma grande diversidade de posturas, tanto no que concerne à epistemologia como ao feminismo. O ponto comum para todos é o de questionar dados pressupostos da epistemologia tradicional, podendo-se entender que não é possível compreender a ciência ignorando o contexto social do sujeito cognoscente (GONZÁLEZ GARCIA; PEREZ SEDEÑO, 2002; AQUINO, 2006).

A contestação aos cânones clássicos da ciência pautados na figura central do homem branco, heterossexual, cristão e europeu são consequência de práticas excludentes no fazer científico. Santos (1999) destaca a contribuição da crítica feminista ao movimento de desdogmatização da ciência analisando a transição da ciência moderna para uma ciência pós-moderna, resultado da crise epistemológica do paradigma científico calcado no positivismo.

Neste aspecto, a perspectiva feminista na ciência mostra-se consonante com uma proposta de pluriversalidade e abertura epistêmica, tal qual defendida por Gomes (2009):

A epistemologia pretende ser justamente um domínio aberto ao reconhecimento da pluralidade de recursos e orientações nas diferentes disciplinas científicas. Ser um domínio de discussões significa exatamente não estar orientado de forma exclusiva e não agir como se detivéssemos algum tipo de certeza que legitimasse a priori esse ou aquele caminho, em detrimento de outros possíveis. O objetivo de uma discussão epistemológica não é portanto, estabelecer, ao final, uma orientação que deve ser seguida por todos ou quase todos. Trata-se, sobretudo, de demonstrar que a maneira de fazer ciência é também um produto histórico e contextual, mais importante ainda, trata-se de demonstrar que a cada momento as respostas são múltiplas e que essa pluralidade crítica é a razão mesmo da existência da ciência (GOMES, 2009, p. 14-15).

Conforme Gonzalez García e Pérez Sedeño (2002) haveriam duas formas de discriminação relacionadas ao gênero na produção científica: uma territorial e outra hierárquica. Na primeira, são delegadas às mulheres atividades relacionadas ao

Realização:



Apoio:

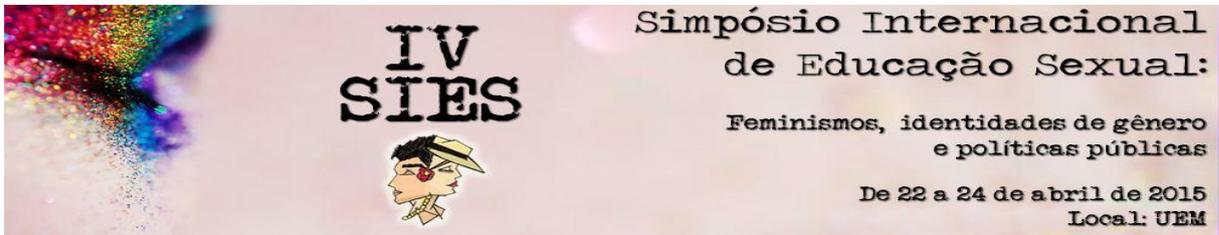


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





compêndio de dados quantitativos e taxonomia, visto que são consideradas mais “femininas” que outras e, conseqüentemente, são tidas como de menor valor. A segunda consiste em manter cientistas brilhantes em níveis inferiores no meio acadêmico, impedindo a ascensão destas. Tal processo é derivado de mecanismos muito sutis que excluem as mulheres das redes informais de comunicação, fundamentais para o desenvolvimento de conceitos e publicações, tal como demonstrou Silva (2009b) no contexto do campo geográfico brasileiro.

O fazer científico encontra-se atrelado à economia, à política e às instituições educacionais. O gênero, enquanto uma categoria de análise oriunda de construções sociais e culturais e espacialmente localizadas, permeia tal processo e se faz presente dentro de estrutura de dominação simbólica, uma vez que, como explana Bourdieu (2002) :

Os símbolos são os instrumentos por excelência da 'integração social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração 'moral' (BOURDIEU, 2002, p. 10).

Partindo-se do fato de que tanto as mulheres, como as questões e valores denominados femininos foram excluídos da ciência, pode-se afirmar que esta “não é neutra em relação às questões de gênero – as desigualdades de gênero foram incorporadas à estrutura e à produção do conhecimento, (re)produzidas e representadas” (CARVALHO, 2010, p. 245). Sendo importante atentar para as maneiras, conscientes ou não, em que as relações de e gênero influenciam o conhecimento que se produz, bem como as escolhas de prioridades e procedimentos e o zelo com as conseqüências dessas escolhas.

Considerando-se a ciência geográfica, um marco relacionado com o incremento do conceito de gênero neste meio é associado à publicação do artigo “On Not Excluding Half of the Human in Human Geography”, no periódico The Professional Geographer, de autoria de Janice Monk e Susan Hanson em 1982. McDowell (1992) relata o ostracismo delegado às produções de geografias

Realização:



Apoio:



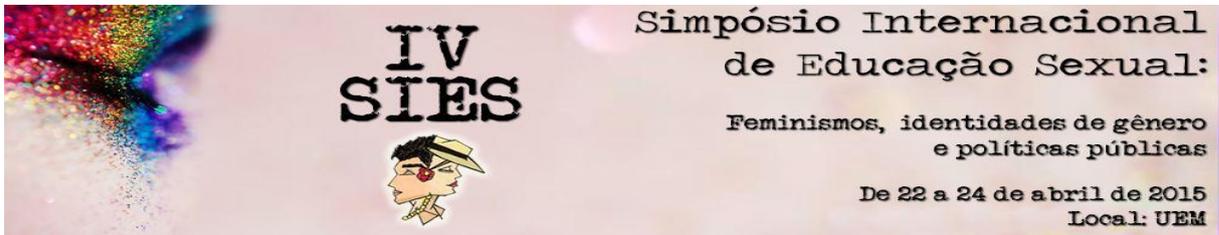
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



feministas sobre assuntos diversos, a citar as relações de gênero enquanto elemento de organização social, como estratégia de manutenção de características masculinas na Geografia, como discute Silva (2009a). A autora também discute, a partir de Rose (1993), que o conhecimento geográfico encontra-se masculinizado tanto em termos de escolhas metodológicas como nos perfis de eventos de debate e divulgação científica. Onde relata-se também a necessidade das mulheres adotarem posturas associadas ao modelo clássico de prática científica pautada na objetividade e racionalidade masculina para terem possibilidade de sucesso acadêmico.

Ornat (2014) discute as contribuições de Rose (1997) com o princípio de posicionalidade, no qual a produção do conhecimento científico surge da relação entre os sujeitos e os objetos posicionados, questionando, assim, a neutralidade e impessoalidade neste contexto. Conforme Bell (2011) a emergência das geografias feministas e, posteriormente, queer questiona a versão oficial dos currículos geográficos mostrando-se enquanto narrativas alternativas, mas que também visam a pluralidade epistêmica.

A POSIÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA POR GÊNERO NOS ESTRATOS DE MELHOR QUALIFICAÇÃO

No início da década de 1970 a crise de acumulação do capital ocasionou transformações em diversos ramos produtivos em escala mundial. Não o foi diferente na educação superior, onde se promoveu a mercantilização no bojo das relações acadêmicas (MANCEBO, 2010). No Brasil, os efeitos desta reordenação tornaram-se mais evidentes apenas nos anos 90, com os sistemas educacionais sendo submetidos a profundos processos de privatização e com a introdução nas instituições públicas de um viés predominante mercadológico, gerando similaridades de gestão com empresas e: “esvaecendo o caráter de instituição da sociedade voltada para a formação humana e para a produção do conhecimento engajado na solução de problemas nacionais” (LEHER; LOPES, 2008 apud MANCEBO, 2010, p. 74-75). Há que se considerar também que:

A implementação das reformas neoliberais dos anos 1990 não afetou somente aspectos objetivos das relações entre docentes, seus

Realização:



Apoio:

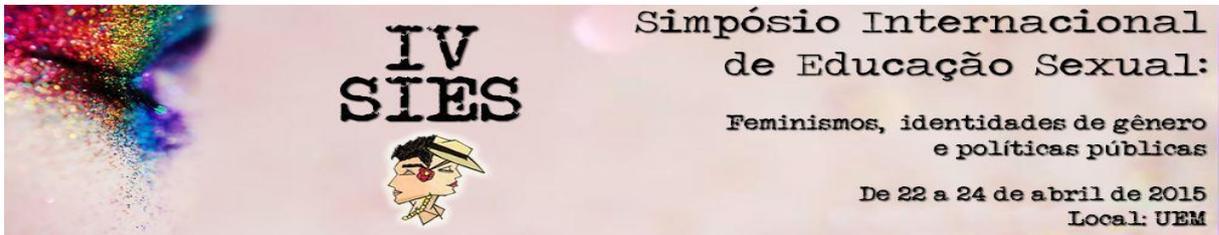


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





empregadores e protocolos de trabalho. Implicou um processo de redistribuição do poder social que acarretou modificações no próprio modo como cada grupo social se auto-representa, se pensa e configura seu destino social no trabalho e na própria sociedade (MANCEBO, 2010, p. 81).

Tal conjuntura deriva em grande parte das ações de avaliação desenvolvidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) junto aos programas de pós-graduação e na produção de conhecimento científico, difundindo uma lógica produtivista, pragmática e utilitarista. Esta, em vez de avaliar o programa, com suas dificuldades, potencialidades e a relevância para a instituição e para a região, direciona o resultado da avaliação para uma planilha de indicadores de cada professor credenciado na pós-graduação exigindo e limitando a produção para periódicos ditos mais qualificados (MANCEBO, 2010).

Outro sistema de avaliação que também causa impacto direto na produção científica nacional é o Qualis-CAPES, que consiste em uma série de procedimentos de estratificação da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Segundo Bastos (2010) a aferição da qualificação dessa produção é realizada de forma indireta, visto que o conteúdo dos artigos e de outros tipos de produção é avaliado a partir da análise da qualificação dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A avaliação é atualizada a cada triênio, sendo definidos oito estratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, sendo este último de caráter nulo.

As exigências de produção científica suscitam efeitos diferentes em homens e mulheres, visto que o gênero é componente importante da prática científica, tal como evidenciado no capítulo anterior. Os distintos papéis sociais de gênero atribuídos aos pesquisadores encontram-se imbricados no meio acadêmico, onde e devido às características androcêntricas da ciência as mulheres acumulam desvantagens.

Apesar de a sociedade aprovar os avanços da participação feminina na política, na economia e na educação, entre outros, ao mesmo tempo demonstra repugnância e resistência a tal processo, visto que se criaram representações sociais hegemônicas de grupos que não admitem estes avanços, como discute Silva

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



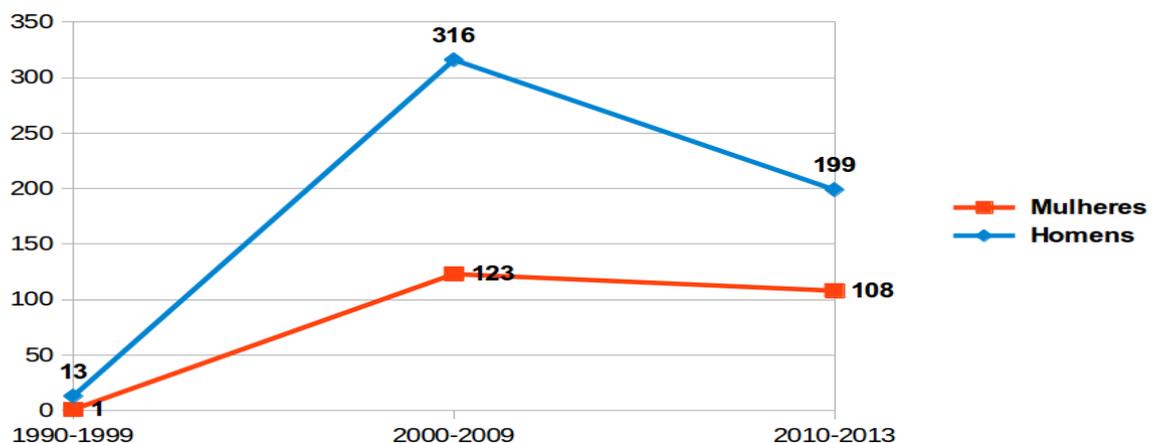


(2009b) embasada em Sorj (2005). Enquanto campo do saber/poder a ciência geográfica também encontra-se inserida em meio a pressão estatal por produção e em relações generificadas.

Na presente pesquisa foram considerados 90 periódicos de Geografia disponíveis *online*, compreendendo os estratos qualificatórios A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 no triênio 2013-2015. Foram compilados 13.990 artigos, publicados entre 1974 e 2013, sendo organizados em termos de temporalidade, autoria, gênero e área temática através de um banco de dados do software Libre Office.

O gráfico 1 demonstra a produção temporal de artigos geográficos entre homens e mulheres em periódicos classificados como A1, a saber: GEOgraphia (UFF), Mercator (UFC) e Revista Brasileira de Geomorfologia (UnB).

GRÁFICO 1 : PRODUÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTRATO A1 - POR GÊNERO



Organização: PINTO, V. A. M.; CESAR, T. R. A. O. (2014).

Fica evidente uma maior participação das mulheres no decorrer do tempo, entretanto, a produção no estrato melhor qualificado é dominado pelos homens com 65 % (199 artigos) do total no período mais recente de análise. No gráfico 2 é efetuada a análise no estrato A2, sendo consideradas as revistas: Boletim Goiano de Geografia (UFG), Cidades (UNESP–Presidente Prudente), Confins, Geografia (UNESP-Rio Claro), GEOSUL (UFSC), GEOUSP, Ra'ega (UFPR), Revista da ANPEGE, Sociedade e Natureza (UFU) e Terra Livre (AGB).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

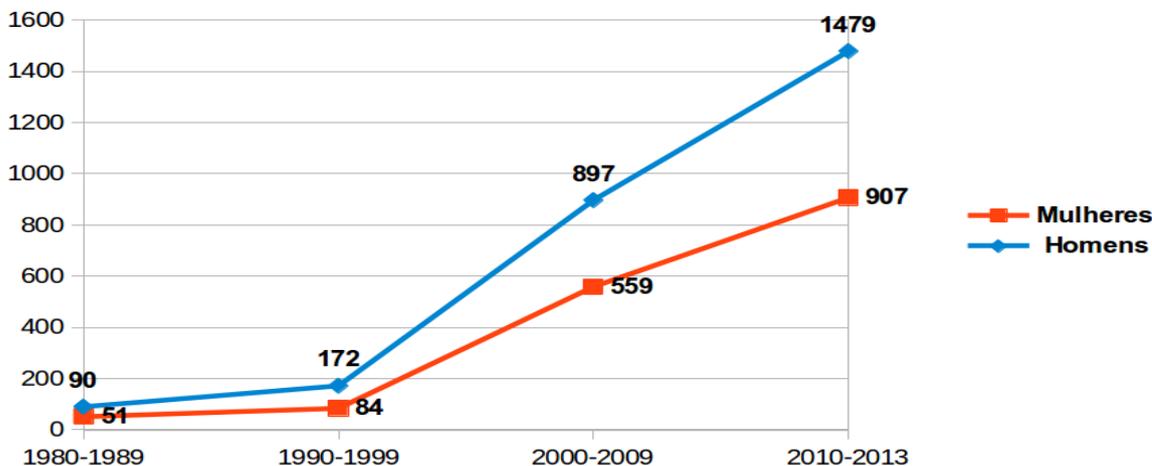


Patrocínio:





GRÁFICO 2 : PRODUÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTRATO A2 - POR GÊNERO



Organização: PINTO, V. A. M.; CESAR, T. R. A. O. (2014).

No estrato A2 o panorama pouco se altera, havendo uma pequena redução do predomínio das publicações masculinas para 62 % (1479 artigos) do total nos últimos anos. O gráfico 3 diz respeito as publicações classificadas no estrato B1, sendo analisados os periódicos: Ateliê Geográfico (UFG), Boletim de Geografia (UEM), Boletim Paulista de Geografia (USP), Caderno Prudentino de Geografia (UNESP–Presidente Prudente), Caminhos de Geografia (UFU), Campo – Território (UFU), Espaço e Cultura (UERJ), Revista Formação (UNESP–Presidente Prudente), Geotextos (UFBA), GEOUERJ, Hygeia (UFU), Revista Brasileira de Climatologia (UFPR), Revista do Departamento de Geografia (USP), Revista Nera (UNESP–Presidente Prudente) e Território (UFRJ). Demonstrando uma tendência similar às apresentadas nos estratos anteriores até a última década, no período mais atual de análise a diferença de produção entre homens e mulheres se acentua consideravelmente, com cerca de 76% (1693 artigos) das publicações sendo de origem masculina.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

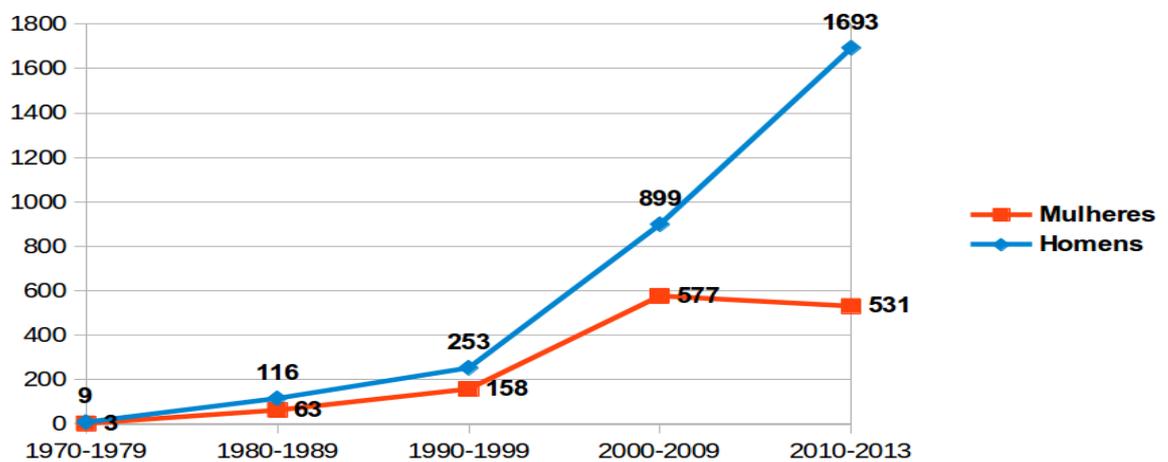


Patrocínio:





GRÁFICO 3 : PRODUÇÃO GEOGRÁFICA NO ESTRATO B1 - POR GÊNERO



Organização: PINTO, V. A. M.; CESAR, T. R. A. O. (2014).

No gráfico 4 realizou-se um agrupamento das publicações ranqueadas nos estratos A1, A2, e B1, que representam a produção melhor qualificada segundo a CAPES, onde é possível perceber uma proporção constante da produção entre homens e mulheres na Geografia nas décadas de 1980, 1990 e 2000 (64% homens – 36% mulheres), mesmo com o exponencial aumento de artigos em geral. Porém, no período 2010-2013 a disparidade de produção entre os gêneros aumentou de modo expressivo, com os homens chegando ao patamar de 69% do total neste íterim de tempo, resultado este influenciado em grande parte pelos valores presentes no estrato B1, que reúne grande número de periódicos e considerável diferença de produção entre homens e mulheres.

Tais disparidades de produção de artigos entre homens e mulheres na ciência geográfica estão relacionados a elementos inerentes ao fazer científico convencional, uma vez que as mulheres foram sistematicamente afastadas dos meios acadêmicos ou, no melhor dos casos, destinadas a tarefas menos valorizadas e enfadonhas que serviam de subsídio para a produção de outrem. Circunstâncias oriundas da gravidez, preconceitos sobre capacidade racional e pouca competitividade também estariam relacionadas neste contexto (AQUINO, 2006; GONZALEZ GARCÍA E PÉREZ SEDEÑO, 2002; COSTA, 2006).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

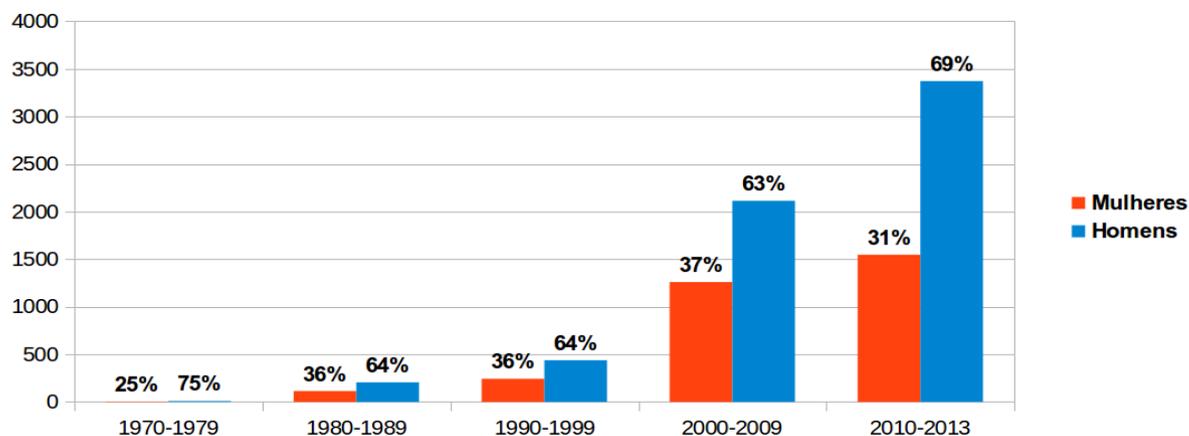


Patrocínio:





GRÁFICO 4 : AGRUPAMENTO DA PRODUTIVIDADE GEOGRÁFICA NOS ESTRATOS A1, A2 E B1 - POR GÊNERO



Organização: PINTO, V. A. M.; CESAR, T. R. A. O. (2014).

No caso específico da Geografia, as dificuldades de conciliar os espaços públicos e privados devido as diferenças gritantes entre os universos feminino e masculino, os empecilhos de estabelecer contatos nas redes informais de gerência e veiculação de periódicos, assim como características históricas do saber geográfico são fatores importantes para a compreensão do fenômeno (GARCIA-RAMON et al, 2011; SILVA, 2009b).

Contudo, tal disparidade produtiva mostra-se menor quando observados os estratos considerados de menor qualidade segundo a CAPES, cuja participação das mulheres atinge 41% do total no período correspondente 2010-2013 (ver gráfico 5). Esta conjuntura pode ser entendido a partir das transformações ocorridas no quadro de alunos e professores da pós-graduação na Geografia brasileira. A partir dos anos 90 com a implementação de concursos públicos para vagas de docência nas universidades, assim como o aumento fluidez econômica que possibilitou o maior ingresso de mulheres no mercado de trabalho e a qualificação destas, houve um significativo aumento da participação feminina no campo geográfico nacional, tal como evidenciou Silva (2009b).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

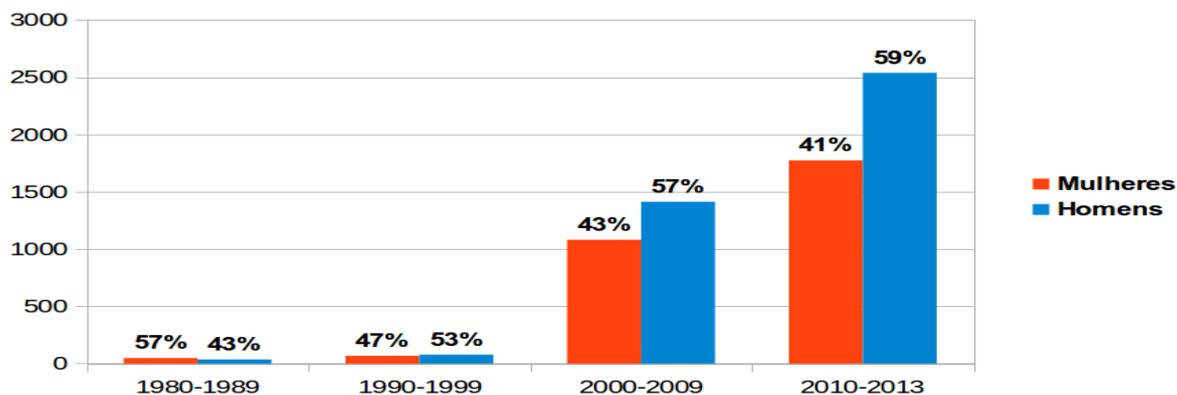


Patrocínio:





GRÁFICO 5: AGRUPAMENTO DA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA NOS ESTRATOS B2, B3, B4 E B5¹ - POR GÊNERO



Organização: PINTO, V. A. M.; CESAR, T. R. A. O. (2014).

O gráfico 6 é resultante de um levantamento realizado diretamente junto aos 53 programas ativos de pós-graduação em Geografia no país, via plataforma online Sucupira com período base 2013-2014. Fica evidente o equilíbrio entre homens e

¹ Foram compilados dados dos seguintes periódicos: B2 - Acta Geográfica (UFRR), Agrária (USP), Caderno de Geografia (PUC-MG), Ciência Geográfica (AGB-Bauru), Climatologia e Estudos da Paisagem (UNESP-Rio Claro), Estudos Geográficos (UNESP-Rio Claro), Geografares (UFES), Geografia (UEL), Geografia Ensino & Pesquisa (UFMS), Geografias (UFMG), Revista Brasileira de Geografia Física (UFPE), Revista de Geografia (UFPE), Revista Latino-americana de Geografia e Gênero (UEPG), Revista Pegada (UNESP-Presidente Prudente), Terr@ Plural (UEPG), Brazilian Geographical Journal (UFU), Geografar (UFPR) e Espaço e Geografia (UnB); B3 - Abordagens Geográficas (PUC-RJ), Boletim Campineiro de Geografia (AGB-Campinas), Espaço Plural (UNIOESTE), Faz Ciência (UNIOESTE), Geoambiente (UFG), Geografia em Atos (UNESP-Presidente Prudente), Geografia em Questão (UNIOESTE), GeoNordeste (UFS), Geosaberes (UFC), Okara (UFPB), Revista Brasileira de Educação em Geografia (UNICAMP), Revista da Casa da Geografia de Sobral (UVA), Revista de Ensino de Geografia (UFU), Revista de Geopolítica (UEPG), Revista Geográfica Acadêmica (UFG), Revista Tamoios (UERJ), Sociedade e Território (UFRN) e Terrae Didática (UNICAMP); B4 - Cadernos do Logepa (UFPB), EntreLugar (UFGD), Espaço em Revista (UFG), Expressões Geográficas (UFSC), Georaguaiá (UFMT), Geograficidade (UFF), Geoiná (UEM), Geonorte (UFAM), GeoPaisagem (UFF), GEOPUC (PUC-RJ), Geotemas (UERN), Observatorium (UFU), GEOMAE (UNESPAR), Revista de Geografia (UFJF), Revista Eletrônica da AGB Três Lagoas, Tempo-Técnica-Território (UFSCar), Revista Matogrossense de Geografia (UFMT) e Paronde!? (UFRGS) e B5 - Élisée (UEG), Espaço@Ação (UNESP-Rio Claro), Geoamazônia (UNEP), Geografando (UFPEl), Geografia Econômica (UFSC), Geografia e Pesquisa (UNESP-Ourinhos) e Perspectiva Geográfica (UNIOESTE).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



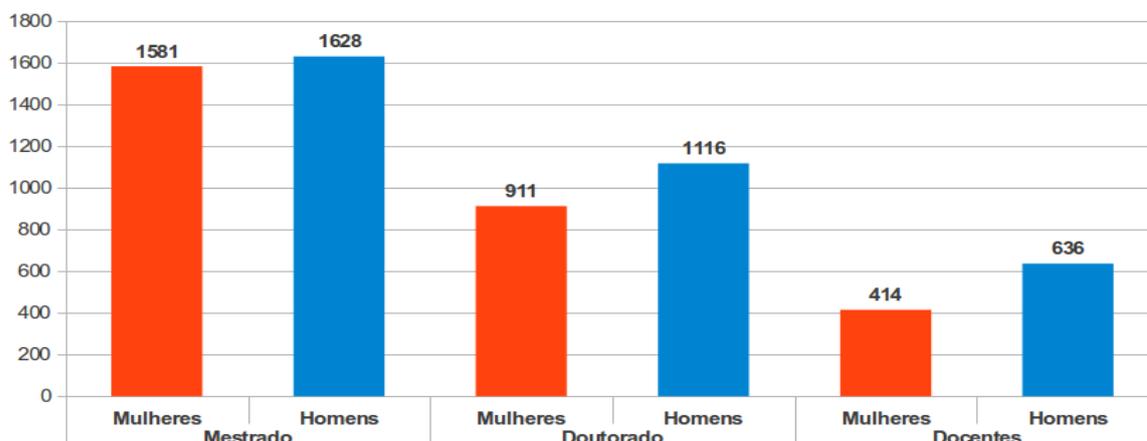
Patrocínio:





mulheres no nível do mestrado e disparidade relativamente pequena no nível do doutorado. Contudo, no que tange aos docentes o predomínio masculino fica explícito, correspondendo a mais de 60% do total de professores nos cursos stricto sensu.

GRÁFICO 6: INTEGRANTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NO BRASIL - POR GÊNERO



Organização: CESAR, T.R.A.O.; PINTO, V.A.M. (2014).

A produção de artigos encontra-se diretamente vinculada com os recursos humanos dos programas de pós-graduação, uma vez que é em tal modalidade de ensino que a pesquisa é fomentada e desenvolvida nas universidades. A menor disparidade de produção entre os gêneros nos estratos menos qualificados é explicada pela maior participação das mulheres enquanto discentes dos cursos, cuja possibilidade inicial é de publicar em revistas menos concorridas e conceituadas. Quando se considera a produção melhor qualificada, fica evidente que a acentuada diferença de produção entre homens e mulheres é análoga ao conjunto do quadro de docentes, majoritariamente masculino. Estes profissionais também desenvolvem atividades ligadas a normatização e regulação de publicações, coordenando grupos de pesquisa e equipes editoriais de periódicos, assim, dada a grande maioria masculina, as redes de articulação e validação dos periódicos são pouco favoráveis para as mulheres publicarem artigos em revistas melhores qualificadas (SILVA, 2009b).

Realização:



Apoio:

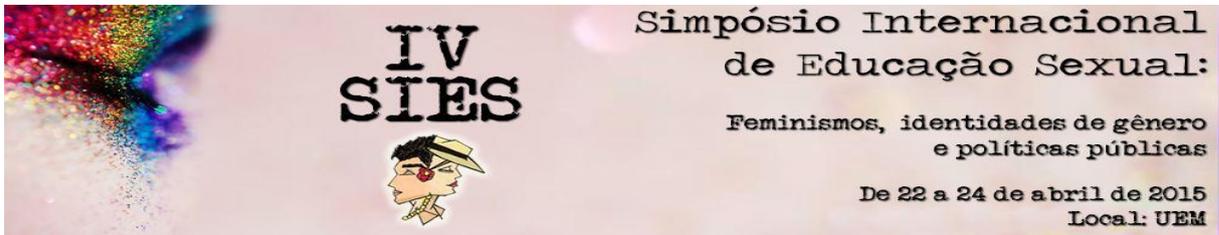


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Deste modo, o cânone científico tradicional que sistematicamente tratou de excluir as mulheres da produção do conhecimento ainda perdura, não o sendo diferente na ciência geográfica. O predomínio masculino encontra-se sustentado em disparidades de acesso a redes de publicações e resistências epistemológicas, bem como em políticas governamentais que desconsideram as especificidades nas quais cada pesquisador(a) está inserido(a).

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Pensando gênero e ciência. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARVALHO, M. E. P. O que é gênero? O que é educação? O que é ciência?. MACHADO, C. J.S et al. **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

COSTA, M. C. Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência. **Cadernos Pagu**, n.27, p. 445-459, jul-dez 2006.

GARCIA-RAMON, M. D.; ORTIZ, A. e PUJOL, H. Universidade e gênero na Espanha: trajetórias acadêmicas de docentes na geografia. In: SILVA, J. M.; ORNAT., M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.p.43-63.

GOMES, P. C. da C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F.; LOWEN-SAHR, C. L.; SILVA, M. da. **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMAN, 2009.

GONZÁLEZ GARCÍA, M. I.; PÉREZ SEDEÑO, E. Ciencia, tecnologia y género. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad y Innovación** , n. 2, Enero-Abril 2002.

MANCEBO, D. Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, 2010 .

Realização:



Apoio:



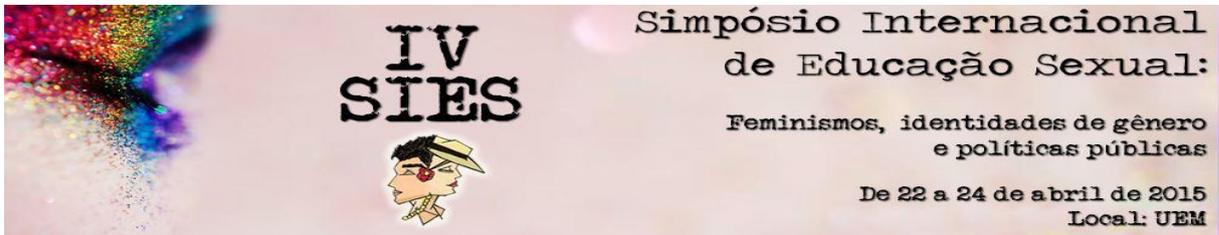
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



MIGNOLO, Walter D.. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica e pluriversalidade epistêmica. In SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 667-710.

ORNAT, M. J. **Gênero, Sexualidades, Geografia Feminista e Queer** Disponível em: <<http://prezi.com/xpkwt2qpowpk/genero-sexualidades-geografia-feminista-e-queer/>> Acesso em 16 de setembro de 2014.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre a ciência**. 11a ed.- Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1999.

SCHIENBINGER, L. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, J. M. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. M.: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25- 54.

_____. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, J. M.: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p.55-92.

GENDER AND THE "SCIENCE DO": A FOCUS ON THE GEOGRAPHICAL BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION FROM THE BEST OF STRATA QUALIFICATION

ABSTRACT

This research aims to understand gender relations as a constituent element of the scientific production, focusing on the field of Brazilian geographic science. The scientific scope is approached from the consideration of the gender implications of the existence of interference in the positionality of the subjects in terms of power and prestige, which interferes with the validation of networks of academic knowledge. The procedure is methodologically from the compendium of articles of information available online Geography of scientific journals and classified by the Qualis System - CAPES, which promotes an evaluation process that ranks the journals in qualifiers strata. This research focuses on the best qualified strata (A1, A2 and B1), computing 90 journals based on the three-year period 2013-2015 and assessment shows that, as in less skilled strata, men predominate in the production of geographical science in relation to women's.

Realização:



Apoio:



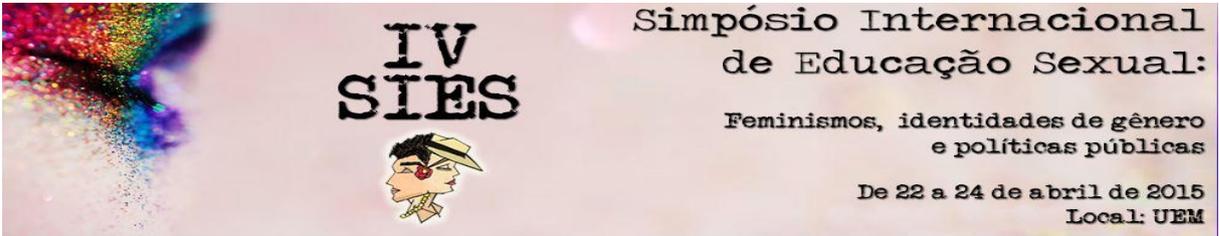
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Key-words: Geography; Gender; scientific production.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:

